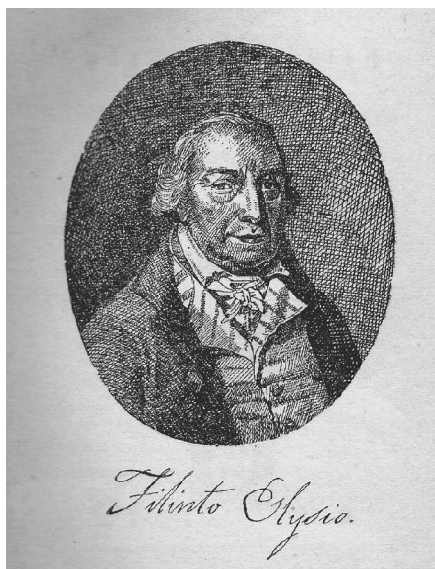


# FILINTO ELÍSIO

(1734 -1819)



SENOS DA FONSECA

Dormias Márcia, e eu vi Cupido ancioso  
Já d'um, já d'outro lado  
Querer furtar-te um beijo gracioso  
Que tu, a cada arquejo descaçado  
Na linda bôcca urdias  
Graciosíssimo, oh Márcia,!... não sabias  
Como o Numem girava de alvoroço  
Escolhendo-lhe o geito  
De o dar do melhor dado. Eu vim e dei-to  
Bem na boca, e logrei o esperto moço

**F.E.**  
**(1836)**

**“O Poeta que depois de Camões, mais serviços fez pela  
língua portuguesa”...**

Akmeida -Garrett”

*Nota : neste, e em todos os versos transcritos, usou-se a grafia da 1ª edição de Paris*

**Filinto Elisio** - nome arcádico -, de assento baptismal, **Francisco Manuel do Nascimento**, foi um, entre muitos outros, descendente de fragateiros que idos de Ílhavo, procuravam nas lides tejeiras, sustento para a família. No caso, tendo seu Pai, Manuel Simões, levado consigo a mulher, a peixeira Maria Manuel, ambos nados e criados, aqui, na Vila.

Nas primeiras décadas de setecentos teria início o grande movimento migratório dos «ílhavos», litoral abaixo na demanda de outros centros que se mostrassem mais piscosos. O Tejo, poalhado de cardumes de sardinha prateada entrados barra adentro, abençoou aquelas gentes e deu-lhes pousio, para eles e para as suas embarcações - as «**ílhavas**» -, bateiras da tarrafa varadas em boa maré nas praias ribeirinhas de Cascais, Stº Amaro, e Belém, acolhendo-as nos seus arredores em notadas e muito características colónias piscatórias. Muitos deles acarretaram consigo a família, as mulheres peixeiras, que para lá das lides da casa, desciam ainda até à beira mar dando ajuda na escolha do peixe, seguindo depois, canastra bem ajoujada, em prodígio de equilíbrio, pousada sobre a rodilha que defendia o chapéu de «pena», descalças e graciosas, de mãos na cintura, pressurosas e desenvoltas, em passo ágil e estugado a percorrer os bairros da beira ria, alvoroçando-os com o pregão da bela sardinha. Do Cais do Sodré, subindo pela Calçada do Combro ao Bairro Alto, ou mais para lá longe, para os becos da gente marinheira de Alfama e Mouraria, ecoava o “*freguesa venha coimprar q’ é do nosso mar*” pregão que anunciava a chegada da varina, e com ela, o peixe fresco da manhã. Os parques «*reisas*» recolhidos neste frenesim, fardo duro e pesado como chumbo ,que

faz doer o corpo e mortifica a alma , ajudavam a compor o apertado orçamento familiar, a estas gentes sóbrias e honradas de tão escalabrada moirama.

Outros desses «ilhavos» tinham, num arrojo demente, navegado escota na mão, costa abaixo, tripulando as *enviadas* que por aqui construídas eram destinadas a trabalho de carrego no Tejo ; depois de entregue a embarcação ao armador, muitos eram tentados, *enxalavados* com promessas tentadoras para dar punho á ostaga ou braço á escota ,num correrio por esse Tejo fora ,para lá e para cá, indo lestos e voltando ligeiros, que a vida de varino, fragateiro e ou barqueiro é feita de corropio entre *bolinas e pôpadas* satisfazendo os caprichos da aragem ponteira .

Nasceu **Francisco Manuel**, a 23 de Dezembro de 1734. Não havendo tempo para vir à vila de origem registar os seus filhos, mais fácil era, àquelas gentes, - *saveiros, fragateiros ou «tarrafeiros»* - pôr-lhes assento numa das freguesias da borda, no caso, na freguesia de S. Julião, termo de Lisboa, ali pertinho do sítio onde o rio se esparralhava, entrelaçando-se com o mar, envolvendo-se em amplexo de suave exaustão das águas marulhentas, finda tão longa caminhada.

O miúdo desde muito novo mostraria especial queda para as leituras, sua vocação primeira, para lá do tempo em que punha barquitos a vogar pelas bordas do rio, sonhando, talvez, um dia neles embarcar para conhecer o mundo que lhe despertava natural curiosidade. No seroar das noites em que o temporal chegava em nuvens de cinzento carregado retendo a companha em terra, ao ouvir os seus maiores contar da vastidão infinita do mar, sentia-se desperto para os estados de alma daqueles pescadores sempre rorejantes, que viviam em permanente enleio no sonho de altieiros , em inquieta e visível ânsia ,desejosos de largar amarras . Pouco a pouco foi-se apercebendo que naquelas figuras próximas, familiares, tão simples e chegadas, estavam afinal, outros da igualha

e dimensão da gesta dos «varões assinalados» que um dia tinham partido, capazes, estes também, de passarem «além da Taprobana». Com eles aprendeu que a dimensão do sonho é a que o homem quiser, se liberto de medos deixar a alma correr pelas incógnitas da vida, em procura da razão para o mesmo.

Nessas noites familiares recebiam-se conterrâneos que idos da terrinha, ficavam, por uma ou outra noite, acomodados em esteira na casa dos que tinham uma recolha permanente em Lisboa, sendo certo que uma boa chouriça ou folar de Vale d'Ilhavo - quando não uns ovos moles - eram lembrança nunca esquecida pelos vindos da santa terrinha, que gente do mar é *prazenteira e de boa lembrança*, e gosta de retribuir os favores do aconchego. Num desses serões o mestre caraveleiro, Inocêncio Caramonete, vindo a Lisboa para fazer a entrega de mais um dos Varinos saídos da suas notáveis mãos de expedito construtor de naus e quejandos, notou, enquanto escorropichava uns copos com o Manel e falava com a Maria «disto e daquilo» - da vida e notícias da «santa terrinha» e da Festa de S. Pedro, próxima, data de visita obrigatória para os emigrantes -, que o miúdo, alheio à conversa dos maiores, se tinha antes agarrado à «Arte de Manuel Álvares» embrenhando-se num canto do tugúrio a estudá-lo alumiado pela bruxuleante da lamparina, devorando, ávido, a matéria do manual de língua erudita.

“*Este rapaz tem de ir mais longe*”, foi a sentença de quem tão bem é sabedor de tirar meças. E se assim o pensou, vai daí, apressa-se a interceder junto de João Manuel, mestre das Reais Fragatas com quem mantinha assíduos trautos de vultuosos contratos, solicitando-lhe que “*olhasse pelo rapaz e o levasse para os cânones*” o que ao tempo era garantia de facilitada - e rápida - ascensão social, independente de serem tortuosas as veredas percorridas em tal, por vezes bem afastadas das desejadas e apregoadas, pelo sermonário do «Senhor».

A sociedade clerical do tempo continha os vícios mais nefastos da sociedade de então. Mas —e talvez por vias disso - não deixava de ser o meio mais seguro para se adquirirem saberes - e outras manhas – para a tomada de cargos de nomeada. O poder clerical , movimentando-se por entre os outeiros conventuais, promiscuamente misturado com o poder secular, assegurava a continuidade de um mundo depravado pela falta de princípios, uma sociedade perfeitamente estranha aos problemas da civilização, no culto do ignominioso Santo Ofício no intuito de fechar as portas ao saber. Mas para os de poucas posses não havia outras escolhas de ascensão.

Certo porém é que muitos, depois de titulados, arranjavam maneira, por engenho e artes, de se safar de tamanha promiscuidade, e com o saber adquirido, ganhar estatuto, o que nem sequer era difícil monta, dada a abundância de inutilidades que povoavam tal sociedade decrépita.

Ora Francisco - criado neste mundo clerical - desde logo, desde prematura idade, se haveria de distinguir por uma excepcional e desenfreada curiosidade no estudo do latim, da retórica, do catecismo, mostrando uma assumida tendência para se embrenhar na leitura dos originais dos grandes mestres latinos, em língua então basilar, que dominava dextra e fulgorantemente (já) aos catorze anos de idade, e que lhe dará notoriedade no conhecimento da língua pátria.

Não lhe provocou grande mocha, nem lhe aviltou os princípios trazidos do berço, nem lhe emporcalhou a alma ou lhe turvou o espírito, a doentia malvadez instalada nos corredores conventuais. Pouco tempo e vontade teria para tal feito.

Nele, apesar dessa vivência doentia, vingaria um espírito desempoeirado, permeável às novas ideias e atento aos novos desafios, o que irá colocá-lo, bem cedo, em rota de colisão com as

cadavéricas reputações literárias do clero inepto. Que o levarão, a meio da vida, ao encontro com o Santo Ofício, para lhe sentir as ignominias das devassas e sentir na pele, o labéu de hereje, pela prática de leituras de livros perigosos.

Os progenitores, gente humilde de trabalho constante e penoso, deveriam, contudo - apesar disso - enformar pessoas de mentalidade avançada, dispostas a sacrifícios para que o seu rapaz fosse longe no intento de se afirmar «alguém».

De facto, em duas das - muitas - notas biográficas que nos deixou, Filinto deixa-nos perceber a contribuição que aqueles teriam tido na aquisição da sua enorme bagagem literária.

Do Pai, revela-nos Filinto Elísio:

*“na segunda das quatro vezes em que se viu espoliado de livros e obrigado a citar de memória”*, teria perdido tudo (a biblioteca) o que o seu progenitor teria ganho *“no serviço de El rei em sessenta anos que foi marítimo”*:- os bons livros, os clássicos gregos, latinos, italianos, alguns franceses e outros castelhanos e muitos portugueses, *“que com bem custo e trabalho tinha junto”*. Isto sugere-nos que o Pai, embora marítimo de posses modestas, certamente inculto, teria investido com contribuição assinalável, e para fins expressos, na educação do filho, não olhando a sacrifícios para lhe dar os meios para a sua formação, já que a Biblioteca de Filinto (F.M.) é referida, como uma das maiores e mais completas, ao tempo.

Por outro lado é Filinto (F.M.), quando pretende justificar na poesia a *utilização de uma linguagem elaborada*, que dá como exemplo a sua Mãe e outra pescadeira, as quais seriam, apesar de não saberem ler, (bem) sensíveis às odes de Horácio. Pois, diz - *“chorarem ao ouvi-lo ler-lhas”* - o que nos remete para um retrato da Mãe, uma

mulher de apurada e impressionável sensibilidade poética, de toda rara em gentios de baixa condição.

Voltemos ao Francisco Manuel que depois de fulgurante carreira académica se ordena padre, e de quem sabemos, praticar já, o mister, aquando do terramoto de 1755, ocupado no cargo de tesoureiro da Igreja das Chagas, em Lisboa ; teria sido no recato dessa actividade em ambiente eclesiástico que Francisco Manuel adquire uma profunda, notável e ampla cultura clássica, provinda da leitura e estudo dos grandes mestres latinos, Horácio, Virgílio e outros, que eram - no seu dizer - o «refúgio» para onde fugia, “*agoniado com romances que andavam então em voga*”, e que, ao contrário, bem pouco lhe agradariam. Em odes exaltadas, em doces sonetos, ou em epístolas requintadas, didácticas e eloquentes, revela-se um poeta clássico de fino gosto, expressando-se numa lírica de notável e apurada textura, e até grandiosidade, numa exegese de refinamento linguístico que parecia perdido, desde Camões e Barros.

Desde cedo impõe-se a Filinto (F.M.) a missão profética de “*ensinar português aos portugueses*”, pois aceita que chegará o dia “*em que a mocidade lusitana fará capricho de saber bem a sua língua... que abunda em mais e mui elegantes frases que a francesa*”, razão porque assume o combate férreo, e por vezes fero, ao uso de galicismos na poética (e prosa) portuguesas :

*Toda a frase estrangeira e fraudulagem  
Dessa tinha, que comichona afeia  
O gesto airoso do idioma luso...*

*(...) Nunca nariz francês na lusa cara  
Que é filha da latina..., e só latinas  
Feições lhe quadram...*

*Quando pões nesse rosto ; esses besuntos  
São máscaras, são lodo imundo...*

Francisco Manuel subscreve os seus primeiros versos com o nome de **Niceno - Padre Niceno** - um melancólico por compleição, sisudo, grave, muito mais sério “*que o quisera*”.

Será quando professor de latim no mosteiro de Chelas da futura Marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida, e de música, de Maria de Almeida, futura Condessa da Ribeira - ambas filhas do Marquês de Alorna, D. João de Almeida, reclusas por ordem de Pombal como consequência do atentado de regicídio de 3 de Setembro de 1758, de que seu pai foi suspeito participante - que irá mudar de identidade. Francisco Manuel irá ser atingido por paixão assolapada a D. Maria de Almeida - muito embora se creia, apenas e só platónica - pois afirma que aquela - designada por «**Márcia**» e/ou «**Dafne**» nas odes que lhe dedica, plenas de grande (imensa!) ternura (*e que Teófilo de Braga diz “serem suficientes para uma Antologia de sugerências”*), Lhe dava conta da «*abundante alegria que (a mesma) dava ao seu ser*». Será contudo a irmã, D. Leonor, que mais tarde se irá revelar uma apreciada poetisa pré romântica, melancólica e saudosa - a **Alcipe** - que atribuirá a Nascimento a identificação de «**Filinto**», que nunca mais largará.

*Alcipe não me ver? Ao seu **Filinto** (...)  
**Filinto** a quem ornou côa sacra rama  
Do tronco da puríssima amizade  
Suaves falas não travou ditoso*

*Côa dê-saudosa Alcipe*

A fama já então notória de Filinto, irá abrir-lhe as portas de uma tertúlia poética, sociedade literata que ficou conhecida como «**Grupo da Ribeira das Naus**», cuja finalidade era, a imitação e glorificação quinhentista, grupo onde se integravam o poeta Domingos Torres (*Alfeno*), António Mathevon de Curnieu, Gaspar B. Pilaer e outros.

Desde logo os seus versos, se são por um lado incensados e levados a ombrear com os maiores do passado - e dados a conhecer por toda a Lisboa, lidos nos salões nobres, nos cafés (Nicola) e nas livrarias (Bertrand e da Gazeta) e mesmos em botequins menos recomendáveis -, são, por críticos e/ou inimigos despeitados (principalmente da Arcádia) com a glória e o destaque atingidos pelo vate, considerados como “*versos mal torneados e mal polidos*”.

Dum modo estóico, enérgico e abrupto, responde-lhes :

“*Coitados dos autores (críticos)... que os ociosos que tais reparos fazem nunca aviaram versos como eu*” retorquirá Filinto, ácido e verruminoso, pois lhes diz “*que desde a idade dos catorze*” que já faz versos, concluindo : - “*não me torçam o focinho à palavra versos, que eu lhes não inculco por bons ; contanto que valham os do Macedo torto*” (poeta da Arcádia Lusitana). Macedo & C<sup>a</sup> representavam a casta obscena e fradesca que estrebuchava contra tudo que cheirasse a novo e se finava em «A Tripa Virada», «A Besta Esfoldada», «O Sermão contra o Filosofismo» e punha grande fê no «Oriente» que “*apregoava ultrapassar a «sensaboria de Camões* »”.

Ao invés Filinto, o poeta clássico, pugna pela limpeza da língua numa obsessão purista, apenas e só juntando, quando tal julga bonito e/ou sério, algumas palavras latinas.

É necessário temporalizar a vida do poeta.

Portugal tinha perdido, já então, a (ainda que próxima) glória : o Portugal das Descobertas e dos Impérios, das façanhas e dos heróis, a “*mais nobre em glória das nações, jamais ultrapassada e nem sequer igualada*”, definhava em consequência das «loucuras» Sebastianistas, anteriores ; a perda da liberdade e da independência, conduziria à irreversível ruína, económica e social do País, no esbanjamento de recursos postos ao serviço dos interesses Filipinos. Culturalmente, o país desidentificou-se num emaranhado de influências pela importação de ideias, costumes e hábitos, estrangeiras.

Com o Marquês, e D.José surge o advento das ideias centralizadoras do iluminismo, que finalmente pareciam querer levar Portugal a acercar-se das realidades económicas e sociais da Europa. São contudo muitas as inércias e as oposições, às mudanças ; justificar uma nova dimensão pátria, tinha de ser feito à custa do enriquecimento da língua de modo a que aquela voltasse a ter o esplendor de tempos anteriores e se não deixasse envolver no abastardamento das modas importadas.

Permitir que não soçobrasse em definitivo, era tarefa ingente, na qual teria importância decisiva o assegurar que a língua destramente usada no passado por Camões, Barros ou Lucena, resistisse ao maneirismo do tempo. E será aí, nesse tempo de finais de setecentos, que se darão os primeiros passos de um Portugal Contemporâneo que pretende passar a um Portugal Moderno, que o engenho, a arte, a determinação, o arrojo e a lucidez, despidos de lisonja e/ou adulação (?), existentes em Filinto, se irão revelar em toda intensidade no poeta que emerge, capaz - e desejoso - de salvar da invasão barbara e dos enxertos estrangeiras. Nenhum como ele, desde os gloriosos tempos “dos varões assinalados” da revelação, se mostrou à altura de merecer a gratidão do seu povo, no preceito de combater a corrupção da língua, fazendo-o, através dum enriquecimento inovador do estilo, na criação de novos vocábulos

e/ou expressões, que fez escola no desígnio de resistir à barbárie de ineptos, insonsos e intrusos manipuladores do verbo.

Em Filinto sobressairá um apurado gosto pela lírica, o que, se o faz com doçura e harmonia, não lhe esconde um certo liberalismo precursor - e perigoso - para uma época em que os políticos não tinham a mínima noção dos direitos do homem. As grandes questões que buliam em França - e para as quais a todo custo se procuravam erguer barreiras em Lisboa - tinham ainda pouca ou nenhuma repercussão, por cá, pois só em 1820 iríamos ouvir falar das liberdades decretadas pela Revolução Francesa.

Tempos ruins de mudança - onde se detestava tudo que cheirasse a francês - com uma Lisboa transformada pelo Intendente Inácio (Pina Manique), em vespeiro de bufos que espiolhavam cafés, boutequins, outeiros e outros cantos esconsos - em «procura» de autores de conversas perigosas, contrabando de ideias, livros ou papéis ou tão só de pequenas audácias de aposta nas novas correntes do pensamento. Ousios que poderiam acabar nas masmorras por onde se passeavam tiranetes políticos e fradescos gozando com as «delícias» das torturas dos seus inimigos, que muitas vezes acabavam na fogueira.

A *Viradeira*, que levaria ao desterro de Sebastião José de Carvalho, em 1777, para Pombal, onde o ex-poderoso ministro assiste à vertigem das mudanças e das vinganças que por pouco o não levariam - a ele também - às mãos do Santo Ofício, irá atingir Filinto. Quando retiram o busto do Marquês do sopé da estátua de D. José, substituindo-o pela barca com os dois corvos, símbolo lisboeta, aquele com um encolher de ombros limitar-se-à a dizer, irónico : “*lá vai a pátria à vela*”.

Filinto de igual modo começava a temer pela sua sobrevivência, tal a rapidez com que o Limoeiro se ia enchendo de presos, cujo único crime era “*pensar diferente*”. E se Filinto no tempo do Marquês

tinha subido aos píncaros da sublime e lustre reputação literária, também é certo que com isso granjeara uma fila bem recheada de inimigos viscerais, que agora, Marquês deposto, destravados no atrevimento, esfregavam as mãos por ver chegada a hora do ajuste de contas. Pensavam os títeres que os versos do poeta se poderiam prender atrás de grades ; mas os versos, como os ideais, resistem a grades e até ao desterro. Assim sucedeu com Filinto: a distância não o arredaria da Pátria, e o iluminador interior que ele era, não esmoreceu de brilho, apesar disso.

O clérigo, o homem de cultura notável - um de entre os mais notáveis da época - não escaparia, incólume, às invejas e à sanha inquisitória fradesca : depois do afastamento de Pombal - que chegou a ser acusado de ateísmo só porque viveu em Inglaterra -, um padre delator do Santo Ofício - a censura prévia e a Inquisição zelavam pela Ordem -, de seu nome José Manuel de Leiva, acusou Filinto, em 22 de Junho de 1778, de «*afirmações e leituras heréticas proibidas*», que acabarão num processo sumário que conduziu ao decreto de uma ordem de prisão do vate e ao arresto de todos os seus bens, incluindo a então (já) renovada biblioteca, um dos maiores acervos de cultura clássica de então. De um modo rocambolesco, Filinto, disfarçado de vendedor, consegue fugir para casa de um negociante francês que o conseguirá introduzir numa embarcação pronta a aparelhar no dia 15 de Julho para o norte da Europa, onde chegará a 23 de Agosto, levando a bordo Filinto -o desterrado - que tinha então a idade de 44 anos. Na fuga, foi acompanhado por Félix Avelar, outro acusado da Inquisição, que mais tarde se distinguiria, ficando conhecido na história lusa por «*BROTERO*», que restará em França doze anos e onde publicará o «*Compêndio de Botânica*», antes de vir assumir a cátedra da Universidade de Coimbra e fundar o Jardim Botânico, daquela Universidade.

O Intendente Inácio queria Lisboa iluminada ; talvez fosse esta a sua tradução à *lettre* de “**iluminismo**”: mas não de cultura ou de saber,

mas por 760 lampiões de lata que mandou distribuir pela cidade, com o fito de melhor poderem ser vislumbrados os conspiradores, não fossem estes importar a guilhotina de França e, debaixo da mesma, colocar o colo real de Sua Alteza. Conspiradores não eram só os que o eram, de facto, mas todos os que pareciam sê-lo. E quase todos, para Manique, o pareciam ser.

Neste meio e desiderato, o «talento» era bagagem perigosa, por induzir em parecença. Filinto lutou como podia - sabendo o perigo que corria - com a sua pena para apontar novo caminho à degenerada sociedade, afogada na mais fétida e denegrida podridão, advinda de uma doutrina clerical obscurantista, enleada com a acção politica revanchista, cujo último intuito era o de restringir o saber, última defesa da sua sobrevivência e manutenção dos seus privilégios.

Se Filinto aderira a novas ideias e conhecimentos vindos de fora - ainda muito antes de os contactar e deles colher visão própria, directa - certo é que era diametralmente oposta a sua posição de feroz opositor a que a língua pátria fosse enquinada por galicismos.

Filinto afirmava então, com convicção, não ser o nosso idioma incompatível com a transposição dos termos e cuidadas «enxertias», desde que seja para *“acudir à viveza e acção do pensamento, e à veemência das paixões”*. Porque diz serem *“néscios, os que não advertem que os mais ricos florões da língua portuguesa são os termos e frases que pedimos emprestados aos latinos”*.

Indo mais longe inquire :

*“Com que enriquecemos, com que polimos nós, nas eras de Camões e Barros, o nosso bárbaro Vasconço, senão com os empréstimos da língua que falaram os Cíceros e Vergílios ?”*

E em determinada nota biográfica “*ouvi francelhos em Portugal e li os livros em que eles bastardeavam a língua portuguesa, enxertando pepinos de S. Gregório em melões de Benavente (...) coitados destes tarelos!*”, denuncia com virilidade os figurantes literários que ousam manchar e estropiar a precisão linguística da nossa raiz latina. Nas notas de rodapé, na Ode a Francisco Xavier da Fonseca, vai mais longe, ao interrogar-se “*que direi da nova moda que (ao que me dizem) vai grassando em Portugal de fallarem Francêz, os portugueses nas suas Assembleias ? Direi que não sabem Francêz, nem Português. Direi que é bem feliz quem tal não ouve. Esses, que tal francês gaguêjão ; falassem elles Mouro ou Tapûia, o que elles dizem, não merece ser escripto, nem lembrado*” só se for por *tarêlos* ou *tarêlas*, que não passam de

*Néscios ! e muito néscios ! Que cuidando  
Que alardeião sciencia d’outra língua,  
Mostrão pobre nudez da língua própria  
Que cobrem com farrapos.*

Para ele, fundamental mesmo, era livrar a língua portuguesa de palavreado importado, pois, pretendia, ainda que longe da pátria, dos livros e dos autores, zelar pela suprema perfeição do uso vocabular na criação de frases inovadoras, com que irá recheiar uma extensíssima obra.

ONZE Volumes, numa primeira edição seguida pelo autor (Paris) em 1817-1819, e outra de Lisboa de VINTE E DOIS Volumes em 1836-1840, já depois de desaparecido. Odes, sonetos, fábulas, madrigais, contos, epitáfios, décimos, cantigas, sátiras, etc.

Foi ainda tradutor de «Oberon» - conjuntamente com D.Leonor(?) - de Wieland, dos «Mártires» de Chateaubriand, das «Fábulas» de La Fontaine, e de excertos de Horácio, Lucrécio, Tibulo, Racine,

Gresset e outros. Foi, para lá disso, um prosador notável : tratou da Vida e Feitos de D.Manuel, fez o elogio ao insigne médico António Ribeiro Sanches que conheceu no exílio ; elaborou, «Reflexões e Observações sobre a Arte de Traduzir», o «Tratado do Sublime» e as «Cartas de Uma Religiosa Portuguesa» ; os «Sucessos de Madame de Senneterre», e a «Heroicidade do Amor e Amizade», para só falar das obras mais referenciadas.

Em sua vida duas grandes correntes de apreciação sobre poetas convivia no País que apreciava de longe ; os «*Filintistas*», seus admiradores e os - *elmanistas* - admiradores de Bocage, esplêndido libertino. É assumido que o brilho de Filinto teria sido a causa de Bocage - apenas e só - ser considerado *um insigne versificador*, longe da craveira poética do mestre. O que não impediu Filinto de nutrir sincera e devota admiração por *Manoel-Elmano Bocage*. De tal ordem que à sua morte lhe dedicará várias Odes, um Epicédio e um poema intitulado «Ermínia».

No primeiro, Filinto exalta,

*Lendo os teus versos, numeroso ELMANO  
E o não vulgar conceito e a feliz frase*

*Disse entre mim «Depõe, Filinto, a lira  
Já velha e cansada,  
Que este mancebo vem tomar-te os louros  
Ganhados com teu canto na áurea quadra  
Em que ao bom Córidon, a Elpino, a Alfeno*

*Aplaudia Ulisseia*

(...)

*Desceu Apolo e o Coro das donzelas  
À morada de Elmano, a esse que outrora  
Canto nos dava nome, o pôs na boca  
Do novo amado cisne*

(vol. I , pp. 232)

E em «Erminia», a «única que pode cantar louvores dignos de Bocage, com voz igual à sua», pois - admite - que só quem o conheceu “*saberia como Bocage era superior aos versos que nos legou*” termina :

*Vem de Mântua o cantor e Horácio e Pindaro  
Com mil aplausos, ledos apregoam  
Não cede à Itália, à Grécia*

*A Lusitana Musa - tecei c’roas  
De hera e louro a BOCAGE.  
- Nós saudosos, Dizemos : « Vale ELMANO »*

A História Pátria registará a fuga de Filinto, como um dos factos de relevo a merecer chamada de atenção, acontecimento englobado num período marcante onde a monarquia absoluta entra em período de profunda discussão e convulsão.

Já em França, Filinto irá recolher-se à protecção do embaixador de Portugal, D.Vicente de Sousa Coutinho e do diplomata Francisco José Maria de Brito, a quem dedicará uma notável obra poética que intitulou «DA ARTE POÉTICA PORTUGUESA - EPÍSTOLA», um trabalho referencial para estudo de “*uma língua tão dura como as armas... língua dos lusos valorosos...*”, obra que, afirmam os grandes mestres da literatura portuguesa, bem pode ombrear com a

epistola de *Horácio aos Pisões*. Foi publicada no «Parnaso Lusitano, Poesias Selectas de Autores Portugueses, Antigos e Modernos» em 1826.

Trata-se de uma longa cartilha, em verso, em que Filinto, em vinte Capítulos - cerca de quatro mil versículos ! - dá, sucessivamente conta :

***das origens da língua portuguesa (Cap. II),***

*Uma língua tão dura como as armas  
Que em nosso pró terçavam nas pelepas  
Era língua dos lusos valorosos  
Antes que os claros lumes do alto Pindo  
Queimassem fezes godas e Mouriscas  
Da Tosca algaravia, que em seu seio  
Lavrou até ao século apurado  
De João segundo, de Manuel Ditoso... (...)*

“e dos trabalhos dos mestres” para impor nas nobres academias uma língua mais nobre, mais formosa, digna dos génios...

Sendo para tal cometimento, necessário, o

***Estudo da Língua (Cap. III)***

*(...) Falam no bom Camões alguns franceses  
Que o leram traduzido em prosa ensossa  
Mas rejeitam de o ler na lusa língua  
Que apenas paga o custo de aprendê-la  
Com ler um só Camões ; tão pouco apreço  
Lhe dão de si os novos escritores!*

*Não fora assim, se nós, mais cuidadosos,  
Déssemos mor valia à nossa língua  
Polindo-a, enobrecendo-a, opulentando-a (...)*

Filinto compara os esforços das outras nações em prezar a sua língua, enquanto nós, lamenta , “*a prezamos tão pouco, (pois) só as outras aprendemos*”,

E por isso entende ser imperativo para vivificar uma língua, a criação de novos termos, fazendo das palavras antigas, «**novas**». Vai ensinar-nos na

#### *Criação de novos termos (Cap. IV)*

*A quem as pôs no auge da valia  
As tão séria oração, tão proveitosa  
Estimada da pátria e dos de siso  
Não riam como parvos, os franceses,  
Mas ririam os peralvilhos lusos  
Besuntados de porca modernice*

fazendo incidir sobre a “matula Afrancesada “o porrete do seu opróbio brandido aos *sermonários* francesistas que a sujam e a não cuidam, pois a língua é como a moda : -“*a novidade lhe dá gala e primor*”. Ao contrário da corrente de Francisco de Pina e P. Macedo, *tarelos* da bastardia afrancesada que apenas a emporcalham e conspurcam. Há pois

*Necessidade de Estudar a própria língua sobre todas as outras  
(Cap. VI), pois,*

*Estudamos com tanto apuramento  
Clássicos gregos, clássicos latinos,  
Línguas, em que, apesar de ímpobro estudo,  
Seremos sempre broncos aprendizes (...)*

*(...) Quando nas leis, Pombal punha apanágio  
Ninguém soube que exalmo ou que encomenda  
Que bicharoco era **apanágio** : os mesmos  
Letrados se tomavam da tarântula.  
**Apanágio** passou. Hoje é corrente (...)*

O que o leva à

### ***Invectiva contra os maus poetas***

*Néscio grulha, que em sujo charco molhas  
A língua com que os clássicos motejas...*

### ***Mas louvando os bons autores (Cap. VII)***

*Cabe espertar no ouvinte imagens vivas  
Com valente pincel, acesas cores  
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras...*

...

*O arrojo no desenho, o vivo em Cores ...*

Com o fim de,

***Mostrar como se arruinou a língua e a poesia portuguesa  
(Cap.IX)***

*Quando órfão de bons clássicos o idioma  
Se viu ao desamparo, ao desalinho  
De um tropel de ignorantes, todo rico  
Custoso cabedal que tinha herdado  
Da ânsia, do estudo de escritores sábios  
Se esvaiu pelas mãos de ruins tutores...*

E de como poderia ser salva, se os autores «modernos» aceitassem e aplicassem o exemplo de **Horácio aos Romanos**, ensinando

*O método de estudar a língua nos clássicos, Vieira, Lucena, Ferreira, Jacinto (Cap. X) ... e Bernardes*

*Em seu fluido stilo vai Bernardes  
Serpeando manso e manso, até que mana  
Dos ouvidos nas íntimas entranhas  
Qual claro ribeiro cristalino...*

E de **Barros**

*De Barros que direi, que os estrangeiros  
Não digam mais do que eu, que dele falam  
Com mor respeito que falar usamos*

*E de Vieira (a merecer capítulo destacado) (Cap. XI), «Vieira e Os Peraltas»*

Com quem exemplifica :

*Pare, pare, senhor c' o sarrabulho*

*Dessa frase franduna. Eu fui a França  
Nunca lá me atolei nesses Lameiros  
Nunca enroupei a língua portuguesa  
Com trapos multicores, gandaiados  
Nessa feira da ladra (...)*

Chegando ao apontar das

*«Causas Capitais da Corrupção do gosto e da linguagem (Cap. XII)*

*Eis vejo ao longe as duas largas portas  
Por onde a corrupção entrou lavrando  
No corpo da linguagem portuguesa  
E lhe estragou a compleição sadia (...)*

*Uma lha abriu Filipe de Castela...(\*)  
Outro infortúnio prolongou funesto  
Nas lusitanas letras o prolixo (...)*

*(...) Por manter no augusto  
Sólio o recém-subido Soberano (\*)*

(\*) (dominação castelhana)

(\*\*) Aclamação do rei Afonso V, com 14 anos de idade

...sendo necessário recuperar a língua ilustre, do saber puro,

*Que em eras de Camões, eras de Barros,  
Granjeado tinham nos liceus da Europa*

Para o que “**Receita aos escritores e poetas**” (Cap. XIII e XIV)

*Lede, que é tempo, os clássicos honrados  
Herdai seus bens, herdai essas conquistas  
Que em reinos dos romanos e dos gregos  
Com indefeso estudo conseguiram (...)*

*(...) Como pois, esperais compor luzeiros  
Se os bons não estudais, se da memória  
Os cofres não proveis com abastadas  
Jóias que os livros bons doar sóis podem ?*

É pois urgente uma “**Profunda Reforma dos nossos Autores**”  
(Cap. XV),

*Que enfeite e gala não recebe a língua  
Quando são per mão sábia colocadas.*

“**Retirando da língua pátria todos os Galicismos**” (Cap. XVI),

*Toda a frase estrangeira e frandulagem  
Dessa tinha, que comichona afeia*  
E aceitar «**Necessários Atrevimentos**» (Cap. XVII),

*Aberta a lice está...  
Inventai, adoptai próprios, latinos  
Ressuscitai enérgicas, sonoras,*

*As antigas palavras venerandas (...)*  
*“Desprezando críticos ignorantes”*

*E Cap. XVIII,*

*Insectos literários terrulentos ...*  
*(...) É mais que ser orate, é ser jumento*

Para concluir a sua notável «*gramática*» em verso, obra prima no bouquet da literatura portuguesa, assumindo com orgulho a sua posição de autor clássico.

*Mas tratam-nos (dizeis) de quinhentistas*  
*Quinhentistas sejais. Campai de o serdes;*  
*E que eles de o não serem se envergonhem ...*

Rematando com um interessante *post-scriptum*, que se reproduz na íntegra :

*P. S.* - Se alguma alma piedosa, compadecida dos achaques desta prolongadíssima escritura - 4.185 linhas de verso ! -, quiser empunhar um bem afiado podão ; e aqui, ali talhando sem misericórdia repetições, luxuriante viço, etc. etc. etc., a quiser tornar mais abreviada, e por êsse modo mais maneira, e também mais útil e agradável, o seu Autor lho agradecerá mui cordialmente.

Bem pudera o Autor (dirão alguns perluxos), encurtar, como lhe era permitido, a saia desta estiradíssima parlenda. Sim, senhores ; bem a encurtara, se me eu vira teso e crêspo, nos meus 24 e um ferrugento. Oh, como eu empunhara a catana da crítica ; e talho daqui, revés dacolá, gilvaz um atrás de outro, não lhe ficava são o quarto da sua refastelada *prosopopea!* Mas, misera de mim, que 82 anos me quebraram os brios, e tão desasado tenho o juízo, que pegar eu na pena e sair-me por ela um chorrilho de

destemperas é tão corrente causa como cheirar a alho quem de alho comeu açorda; ou cambaleiar pela rua quem muito de mistela Se tomou.

Tomem-me esta desculpa, em lugar da requisita emenda, enquanto eu me consolo... Oh, quanto me consolaria agora um bom prato de **trouxas de ovos, ou de ovos-moles!**

Deste texto, notável - lição soberana sobre a arte de bem fazer e afeiçãoar uma língua - engenhoso, pleno de arrebatado empenho, povoado de majestoso dom filosófal, suave por vezes, outras contundente q.b., está subadjacente um sublime amor pátrio que o percorre da primeira à última página. Presente em toda a sua extensão, a pretensão de glória, de enobrecimento, de virtude em tão leal, ainda que distante, português.

É, nesta distância, curiosa a evocação de Elísio das “doçuras da sua terra” - **trouxas e ovos moles** - que relembra com nostalgia e saudade, o que releva os laços de infinda e grata saudade perdurante - e inapagável - das suas origens. Uma de outra das sua Odes é mesmo dedicada aos «**Ovos Moles**», em que a dado passo da torrente diamantina, deles faz, repasto digno de banquete a Vénus -

*Benção de Deos te cáia, oh mão ditosa,  
Que sábes os golosos Ovos mólles  
Remecher, sazonar, para o d'um Vate  
Almejante appetite...(...)*

Não se exalta - agora e aqui - o poeta, apenas e só pelo facto de Elísio ter ascendência directa, provindo do tecido humano que maiores contornos legou à definição do «**ilhavo**» de antanho. A grandeza de Filinto dispensá-lo-ia.

De França, onde observa os movimentos que se irão desenrolar até 1789, Filinto enviará quantidades enormes de vasta

correspondência, cópia de poemas, glosas, jornais, que logo circulam à socapa, distribuídos por todos os cantos de uma Lisboa frenética em tomar conhecimento do que ia lá por fora. Ouve-se então falar em sussurro, de **Revolução e Liberdade**.

O Intendente assusta-se. Para ele poesia era lugar só para poemas de encanto, choro ou louvor pátrio ; teatro, o local para as peças espalhafatosas e inúteis, para rir e/ou chorar, não para obrigar a pensar ou sugerir ; e música boa, *a melhor das artes, por ser muda*. Assistia preocupado, espumando de raiva, à propagação das ideias de Rosseau, Voltaire, Montesquieu e D’Alembert, que anunciam tempo de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Em 1793 rolaria a cabeça de Luís XVI e, depois, quando já não havia mais que decapitar, é cortada a cabeça, também, ao jacobino Robespierre.

De todos estes acontecimentos, postado em França, Filinto será o arauto, sendo a grande via informativa do País, e uma das causas da tremedeira que tais ideias provocavam no regime absolutista do País. Filinto Elísio, um espírito incomum ao tempo, um entusiasta pelas novas ideias que traziam com elas um novo desafio, no campo social e científico, acompanhou com elevada atenção e curiosidade o tumulto dos tempos da Revolução Francesa cujas consequências levarão às grandes mudanças nos regimes políticos do Séc. XIX. Registarás as grandes figuras e a expressão dos seu pensamento, e louvarás os ideais que as enformam, analisados pelo seu profundo e apurado gosto, pelo seu elevado espírito crítico, inspirado no genebrino Rosseau, e na sua “**Origem e Fundamentos da Desigualdade entre os Homens**”, onde se bateu pela sua libertação frente às instituições sociais, na suprema finalidade de atingir uma realização plena - *onde os homens não fossem apenas livres, mas ainda, dignos de o serem*. E seria ,ainda de Rosseau , e no seu movimento pré romântico, que Filinto vai colher os ensinamentos para ser , ele próprio, o grande arauto de tal movimento das artes e das letras, em Portugal, como lhe será

historicamente reconhecido, tempos mais tarde.

«*Tu bom Rosseau, com a tocha da verdade (...) iluminaste os povos*»; e atento às ideias científicas que surgiam e se difundiam pela Europa, não deixa de se extasiar com Benjamin Franklin.

Filinto Elísio sofreu no longo desterro, enormes e inqualificáveis provações, a que soube resistir até ao fim, não lhe definhando nessas adversas circunstância, a vontade, o querer e o ardor - para lá do imenso cabedal de saber que lhe permitiu restar imune às mofas dos críticos - assumindo-se como um dos maiores cultores da língua pátria, no galanteio do seu verso, na glória da exaltação, no entusiasmo pela sua pureza, que sobeja e prodigamente, verteu e apregoou, em ensinamentos que perduraram em tempos ulteriores, assumidas pelos seus seguidores, os que irão ser os mestres da literatura portuguesa do Séc. XIX.

Pela ingratidão, bem se poderia Filinto acolher a Camões, em censura à pátria madrastra,

*O favor com que mais se acende o engenho  
Não o dá a pátria, não...*

Ao usurpar-lhe o direito de viver no favor de seu acolhimento, desterrando-o no infortúnio de um penar desfavorecido, em mal merecida sorte,

*Da Calúmnia, os ruins inquisidores,  
E o parvo Rei, que deo de vós denuncia;  
Que vos pôz em demérito desterro,  
Inda há mais de seis lustros*

Os maiores da época - nunca será demais, sublinhá-lo - renderam a Filinto, destacado louvor ; dele A. Garret afirmaria :

*«Enquanto Bocage e seus discípulos tiranizavam a poesia e **estragavam o gosto**, Francisco Manuel, único representante de Garção, gemia no exílio e de lá, com os olhos fitos na pátria, se preparava para lutar contra a enorme hidra, cujas inúmeras cabeças eram o galicismo, a ignorância, a vaidade, todos os outros vícios que iam devorando a literatura nacional. - A sua Epístola sobre a arte poética e língua portuguesa - refere-se à carta a Francisco José de Brito - pode rivalizar com a de Horácio aos Pisões : fôrça de argumentos, eloquência da poesia, nobre patriotismo, finíssimo sal da sátira - tudo ali peleja contra o monstro multiforme. **Nenhum poeta, desde Camões, havia feito tantos serviços à língua portuguesa** : só por si, Francisco Manuel valeu uma academia e fêz mais do que ela.*

*Muita gente abriu os olhos e adquiriu amor a seu tão rico e belo, quanto desprezado idioma ; e, se ainda hoje em Portugal há quem estude os clássicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, às invectivas do grande propugnador dos seus foros e liberdades».*

É certo que Camilo Castelo Branco, no «**Curso de Literatura Portuguesa, vol.I**), não deixou de fazer críticas concretas ao poeta, pois, em seu entender, Filinto não tentou enriquecer a língua e “*pô-la ao serviço das novas ideias, mas sim para transladar as antigas*”. Curioso é ter sido esta, também, a acusação que um outro notável «ilhavo» **Alexandre da Conceição**, faria, anos mais tarde, ao próprio Camilo, acusando-o de - ele também - não saber enveredar por pôr o génio da sua pena ao serviço da nova realidade social. A poesia para Camilo era coisa bela, que brotava à flor da pele; era êxtase, não era meio de intervenção social.

Bem ao contrário, Filinto “*dedicou a sua poesia a intervir, num nacionalismo indefeso, que o levou a empreender uma campanha contra a influência francesa na nossa língua*” diz-nos Fidelino Figueiredo na sua «**História da Literatura Clássica**».

Mas Camilo, nobre e recto chegada a hora do essencial na apreciação - a verdade ! - não deixa de opinar favoravelmente sobre Filinto, quando considera que a sua critica “*faz implicância a que Filinto Elísio seja o opulentador notabilíssimo da língua renovadora dos lusitanismos que aformosearam os livros de dois iniciadores da reforma romântica, António Garret e Feliciano de Castilho*” corrente a que Camilo aderira entretanto, ele também, e da qual será um dos maiores - senão o maior ! - expoente, muito embora enredado numa novelística romanesca e turbulenta, prenhe de episódios de amores desgraçados e violentos, verdadeiros vendavais exaltando à dor, à melancolia, ao isolamento.

O sonho em Camilo atolava-se “*na podre calmaria chamada civilização*”. O sonho em Filinto, exaltava-se na memória do canto aos heróis para que estes lhe servissem de veículo para recuperar as riquezas que a língua pátria ainda possuía, dando-lhe consistência, alento e vigor, para emergir de novo, plena de virtudes.

De Filinto, faz-nos Hernâni Cidade, nas «**Lições de Cultura Portuguesa**» “*a traços largos o desenho do poeta desterrado que é preciso dizer - sublinha-o - que jamais alguém o fizera com tão vigorosa, brutal intensidade*”

Em “**Memórias de Literatura Contemporânea**”, Lopes Mendonça “*acredita que Filinto foi um grande inovador no estilo (...) e muitos que se prezam de a escrever bem estudaram-no, sobretudo nos seus escritos. (...) Parece impossível que um poeta desterrado da pátria, vivendo numa sociedade tão diferente daquela onde abrisse os olhos à razão e ao estudo, tivesse uma tão superior influência sobre a*

*escola poética moderna”.*

Talvez, a situação de afastado da pátria, as amargas saudades, a impossibilidade de recurso a livros, ingente pobre, obrigado a mendigar ajudas, lhe tivessem amalgamado, ou até ofuscado, o impulso da criação, não lhe permitindo afastamento suficiente da influência Horaciana, para melhor atentar na necessidade de uma poesia que, longe da mitologia, estivesse mais perto do ideal romântico, que estava a surgir e de que ele foi profeta antecipado.

Depois de *quinzentos* a língua pátria afogara-se pelo domínio de uma língua estrangeirada, imposta. E será só no Séc. XVIII que pareceu, finalmente, querer renascer e reconstituir-se com os renovadores românticos.

F. Castilho insistiu na tese, ao considerar que “*Francisco Nascimento foi um mártir da religião da nossa língua, (que) para lhe lançar mais glória, deixou-se cercear a si próprio*”.

E se não foi o poeta que *poderia ter sido*, foi precioso nos lusitanismos com que ornou a sua linguagem, na eloquência, na fina sátira e até em alguns ácidos desmandos, funcionando como um sinalizador de caminho para os novos poetas que estavam para chegar e assentar arraiais nos meios literatos. Desprezando as injúrias, mostrando-se grato aos pequenos benefícios colhidos, mesmo nos mais simples e/ou insignificantes, como na simples visita médica, que agradece em ode.

Viveu até ao fim em Paris, à excepção de um período de quatro anos em que foi secretário do Embaixador Português, em Haia, tendo regressado de novo a França, e a Paris. Por ali se manteve sujeito a graves infortúnios que aumentariam a sua propensão melancólica. Com algumas economias resguardadas, foi vítima de roubo, consumado por uma sua criada e, depois ainda, atingido pela falência do Banco, onde depois de roubado guardara o capital

restante. Estes acontecimentos nefastos teriam consequências sobre o seu estado de espírito, e, claro, sobre a poesia que fazia. Os «voos», começaram então a ser mais rasantes ; perdido, longe do mote, (em si) a musa afrouxa e enrouquece.

*A Lyra já quebrei ; tenho a voz rouca  
Não canto mais mas sede mais que certas,  
Que ouvirei vossos cantos com delícia...(...)*

(Em *Últimos adeus - às Musas*)

Em 1796 foi-lhe concedido a Real concessão de autorização para voltar à pátria, a que se juntava uma ordem para lhe serem restituídos os bens que lhe tinham sido «espoliados». Parecia chegada a hora do preito e de homenagem ; hora do reencontro com a sua Pátria extremosa e com os poetas que lhe seguiam os passos.

Mas de novo, maquinações torpes e ignominiosas dos seus inimigos, impediram que tamanha justiça, embora tardia, se concretizasse.

Filinto Elísio morre em Paris a 25 de Fevereiro de 1819 ; e será só em 1843 que os seus restos mortais regressarão a Lisboa, onde em 1856 ficaram repousados, definitivamente, em túmulo no cemitério do Alto de S. João.

*Na morte o seu discípulo Garret não o esquece e na «Lírica de João Mimo» encontram-se duas poesias dedicados ao Aniversário de Filinto (1817) e à sua morte. De igual modo se lhe refere nas «Flores sem Fruto»*

*Num dos muitos epitáfios que se auto-atribuiu , diz **Filinto Elísio**:*

EPITÁFIO  
( DE FILINTO ELÍSIO)

Como todos, entrei neste universo  
Sem conhecer os homens  
Co eles vivi, tratei. Não fui ditoso  
Que a necessária Bússola,  
Com que inimigos mares se navegam  
Nunca a tomei comigo.  
Cuidei que a boa fé, que o têrmo ingênuo  
Me atalhassem naufrágios.  
Vate, e louvado, fui, mas sempre do óptimo  
Modêlo venusino  
Tão distante, quanto, hoje de mim distam  
Vates de anãs Nerinas.  
Nem da Académia fui, que não me acharam  
os tais sabichões dignos  
Dessas honras, que tanto esperdiçaram  
Em membros, que ora calo.  
Hoje, que entro a avistar escolhos pérfidos,  
Cobertos de água mansa,  
Nesse oceano da Côrte e seus subúrbios,  
Lhes dou o adeus eterno.  
Por três homens que vi dignos de estima,  
Vi mil malvados Judas  
Avarentos, filautes, vis sejamos,  
Cavernas de calúnia!

Sem pesar me despeço ; e, se o previra,  
Rejeitara entrar no orbe.

F.E.

Senos da Fonseca

2007



